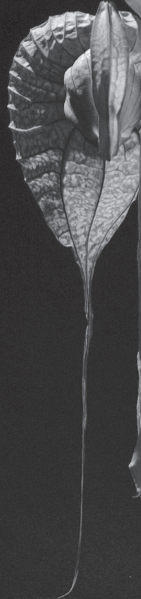


espaço aberto

[JULIÁN POSADA¹]

Professor universitário, pesquisador de moda e *cool hunter*. Consultor empresarial para marca, mercado e moda. Escritor *free-lance* em diversas mídias na Colômbia e no mundo. Conferencista internacional. Curador de exposições sobre Pierre Balmain e Agatha Ruiz de la Prada. Fundador da consultoria Ideologica (2008).
E-mail: primiziasuper@hotmail.com

Descobrir



OnA
Coleção Primavera/Verão 2009-2010
Foto: Juan Ricardo Ramirez

Do latim *cooperire*. Antecedido do prefixo *des*, indica mostrar, dar a conhecer, destapar, destampar². Segundo o *Dicionário da Real Academia Espanhola*, descobrir é: manifestar, fazer claro; destampar o que está tampado ou coberto; achar o que estava ignorado ou escondido, principalmente terras ou mares desconhecidos; registrar ou atingir a vista; vir em conhecimento de algo que se ignorava.

Em 1492, o espanhol Cristóvão Colombo buscava o Oriente e encontrou a América; em 1504, Américo Vespúcio, italiano nacionalizado em Castilla, nos denominou *Mundus Novus* ou Novo Mundo; porém foi o alemão Martin Waldseemüller quem teve a iniciativa de que nos chamássemos América em homenagem a Vespúcio. É bem provável que a definição do dicionário tenha origem na viagem de Colombo, mas vale lembrar que nós só estávamos ocultos para os europeus, pois aqui já existia um mundo com vida própria. É por isso que se somarmos os povos e as civilizações indígenas que aqui moravam a todos aqueles que vieram, habitaram, saquearam ou nos nomearam não é difícil concluir que nascemos pós-modernos e que nossa característica de periferia é, na verdade, uma qualidade que ainda hoje não sabemos como forjar porque passamos a vida assumindo a posição de dominados, de submissos e de escravos.

As gravuras e as ilustrações que Jan van der Straet (1523-1605) realizou mostram e descrevem o encontro da América e da Europa e nos retratam como seres diametralmente opostos e conflitantes. Aparecemos como os protagonistas antagônicos de uma mesma cena em que cada um representa seu papel: a Europa masculina, racional, culta, científica e intelectual e a América feminina, nua, selvagem e emotiva. Europa é a cultura e América é a natureza, que será dominada graças ao rigor e à técnica. Esse momento que Van der Straet ilustra reflete uma situação que nos fez sentir sempre infelizes, desprezados e numa condição humana da qual parece que ainda não encontramos os mecanismos necessários para nos liberar. Pelo menos, sob a ótica de um ofício e de uma estética como a da moda, sempre submetida à aprovação do outro, como se a sensibilidade, o desejo e a luxúria fossem condições inerentes à América exótica e animal, desprezada pelos europeus.

Para nos dominar, nos domesticar e nos "possuir", os colonizadores "batizaram" nossas formas e nossos produtos sobre a base de seus referenciais europeus, pois

[64]

Foto: Cámara Lúcida



Beatriz Camacho
Coleção Primavera/Verão
2008-2009

"o ato de nomear, como o batismo mesmo, é uma forma de criar um vínculo e faz possível a incorporação do alheio num marco de referência familiar e único", segundo afirma o pesquisador colombiano Mauricio Olarte Nieto, em seu texto *História natural e política* (2008, p. 21). O que os europeus ainda não entendem é que nossas culturas populares realizaram esse vínculo numa operação de dupla via, que lhes permitiu contextualizar o desconhecido e fez com que, em muitas ocasiões, resultassem mais ricas nossas visões do mundo, pois estão povoadas de "astúcia", humor, desfaçatez, frescor e talento. Assim, construímos um imenso mosaico cheio de tons.

Contudo, é ainda mais patético o preconceito de alguém que, como Hegel (1770-1831), cem anos mais tarde continuava pensando da seguinte forma:

A América rebelou-se sempre e segue se revelando impotente tanto no físico quanto no espiritual. Os indígenas, desde o desembarque dos europeus, foram perecendo ao sopro da atividade européia. Nos animais mesmo adverte-se igual inferioridade reconhecida nos homens. A fauna tem leões, tigres, crocodilos etc.; mas estas feras, ainda que possuam semelhança notável com as formas do velho mundo são, no entanto, em todos os sentidos pequenas, mais débeis, mais impotentes... (2004, p. 171)

É o barão Von Humboldt, geógrafo, naturalista e explorador alemão, quem viria a criticar fortemente essa visão cheia de preconceitos a respeito de nossa realidade.

Essas visões absolutamente eurocentristas, que do ponto de vista da moda, nós, os americanos (no sentido amplo da palavra), não questionamos quase nunca, produziram, entre outras coisas, na França, em 1868, a declaração de domínio que ainda nos "guia". Nesse ano, foi criada a Câmara Sindical da Confecção e da Costura para Senhoras e Senhoritas, embrião da conhecida Câmara Sindical da Alta-Costura, cujo objetivo principal era aparentemente pôr um freio na venda de cópias das criações de costureiros como Worth. Isto é, desde então, já se procurava proteger a ideia de original e próprio e, ademais, ali a Europa produziu o modelo que determinaria o padrão de luxo e o espelho no qual o resto do mundo deveria olhar para tratar de atingir o "ideal". Nascia assim um modelo homogêneo e tirânico que determinaria as bases técnicas do ofício, nomeando e decidindo segundo suas normas quem tem de merecer a qualificação de designer ou de *couturier* e estabeleceria um calendário e os padrões de uma evolução estética que privilegia a visão que desde lá se dá do mundo. Essas regras impostas originalmente há mais de cem anos permitem aos franceses conservar como próprio e controlar um *savoir-faire* que talvez lhes pertença, mas, em razão de seus altos custos e anacronismo, está destinado a se converter somente em objeto de estudo ou peça de museu.

Nossas elites educadas na Europa do século XIX, que procuravam imitar para serem aprovadas, importaram e assumiram rapidamente os cânones políticos dominantes e os converteram, há mais de um século, em paradigma de uma estética eminentemente figurativa e derivativa que procura representar a realidade e reafirmar uma noção do mundo romântica, bem como, na maioria dos casos, bucólica. Poucos foram os criadores plásticos ou de moda que subverteram a ordem desde então... e talvez sejam os poetas ou os músicos os que encontraram saída no complexo processo criativo através da metáfora ou a polifonia coral para se converter em alternativa ou modelo a partir de uma posição "periférica" do mundo.

Nossas metodologias e nossos processos criativos deveriam ser próprios, pois nossa maneira de entender o outro é bem diferente e nosso caldeirão cultural nos permite flexibilizar modelos, o que nos faz ao mesmo tempo profundamente religiosos e tremendamente pagãos sem experimentar sensações como a culpa. Os latino-americanos souberam, há anos, que o mundo não vai compartilhar sua riqueza e por isso levamos séculos tratando de entender e assumir nossa pobreza, bem como nossos processos de violência. Ao longo de nossa existência, nossos modelos de mercado e comércio são únicos, nossa paleta de cor, nossa luz e o território fazem-nos bem diversos. Paralelamente, a relação com nosso corpo só se dá por aqui, enquanto o humor e a magia ao descrever nossos espaços fizeram de Gabriel García Márquez ou Jorge Amado seres universais. Na América Latina, a cada experiência vive-se no limite e contra a pobreza: a imaginação é o recurso. Enfim, são tantas as descobertas que fizemos daqui para lá que muita razão tinha Joaquín Torres García³ ao fazer a mais subversiva declaração pictórica ao desenhar,

em 1927, o Sul localizado no Norte, uma cartografia poética da América.

Faz-se política do centro à periferia. Na Colômbia, por exemplo, jovens criadores de moda, como Daniel Hoyos e Juliana Correa, exemplificam essa diferença. O primeiro, com sua marca Divino, propõe uma visão ímpar da cidade de Medellín, que inicialmente o excluiu do centro elitista e que ele, a partir da periferia, conquistou para então domesticar e se apropriar dela. Sua moda resulta eminentemente urbana, colorida e popular, fazendo pulsar o coração da burguesia com uma linguagem franca e direta. Já Juliana Correa, com sua marca OnA⁴, acredita que a moda é um processo de construção coletiva. Seu trabalho inclui um processo metodológico e investigativo longo, é uma cooperativa de sensibilidades e conhecimentos femininos que premia a doçura e o afeto a partir do rigor e da razão. Seu produto, que de forma figurativa e real não possui ataduras, preocupa-se em propor uma estética que evolui e nega a revolução e a tirania da novidade. Para Juliana:

A moda deve ser uma fonte de possibilidades, um campo amplo para expressar-nos, não protótipos que nos ajustem de maneira forçada. As pessoas projetam a comodidade e o bem-estar que nos dá a roupa e a partir disso nos relacionamos de maneira mais leve e fluida com os demais.⁵

Por outro lado, quando outros estilistas já consagrados, como Adriana Santacruz, Beatriz Camacho ou Francesca Miranda, se aproximam das comunidades artesanais e permitem que o artesão seja soberano, estão construindo ética e dignidade num país que, com frequência, esquece esses valores no outro. Com eles trocam seus conhecimentos, experiências, saberes, ofícios, cultura e criatividade e "tecem" produtos que se comunicam com o mundo de maneira diversa, sem reclamar etnicidades específicas. Essas criadoras de moda universalizam conhecimentos ancestrais, enviam nossa aldeia afora e constroem poesia com um ofício. Sua moda é para elites que, por meio da estética, estão começando a valorizar ofícios os quais antes, por mais próximos que estivessem, quase sempre eram ignorados. Essa aproximação humilde permitiu-lhes incorporar em suas coleções de luxo, de maneira natural e contínua, um trabalho que, ao conseguir visibilidade, acaba por se reconhecer. Assim, tanto os artesãos ligados a elas quanto mais alguns terminam apostando na criação de "sonoridades" e polifonias pessoais.

Uma metáfora poética da loucura, o desenfreamento, a exuberância, o caos, o rigor, a doçura, o empenho, a ternura, a urgência, o corpo, a luxúria, a razão, a inocência, o silêncio, o ruído permitem que nossos designers criem o vértice. Trata-se de um vértice sutil que lhes deixa ouvir do fundo do abismo a sinfonia coral que compõe este imenso mosaico e, tomara faça entender a Hegel, que nosso crocodilo não quer ser, nem foi, nem será nunca o seu.

Foto: Cámara Lúcida



Divino
Coleção Primavera/Verão
2008-2009

[66]

NOTAS

[1] Tradução de Graziella Cabral. A edição do texto teve a colaboração de Carol Garcia.

[2] De acordo com SILVA, Deonísio da. De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: A Girafa, 2004, p. 251.

[3] Joaquín Torres García, pintor uruguaio, é um dos mais expressivos artistas do continente, reconhecido por telas que evocam a soberania da América sobre si.

[4] OnA é uma abreviação do nome hebreu Mariona, que significa "beleza que guia".

[5] Entrevista de Juliana Correa a Catherine Villota. Disponível em: <www.fashionradicalsnews.com/index.php?mod=modNoticias¬icia=159&offset>. Acesso em: 30 jul. 2009.

REFERÊNCIAS

HEGEL, G. W. F. Lecciones sobre la filosofia de la historia universal. Madri: Alianza, 2004.

OLARTE, Mauricio Nieto. História natural y política: conocimientos y representaciones de la naturaleza americana. In: HISTÓRIA natural y política: conocimientos y representaciones de la naturaleza americana. Bogotá: Banco de la República/Universidad de los Andes/Universidad Eafit, 2008. Catálogo de exposición, 9 set. 2008-12 jan. 2009, Biblioteca Luis Ángel Arango.